

História e conhecimento no *Emílio ou da educação*, de Jean-Jacques Rousseau*

Rogério Silva de Magalhães¹
Universidade Federal de São Paulo

Este breve estudo visa estabelecer uma relação entre história e conhecimento no Livro IV do *Emílio* (1762). Nesse sentido, procuraremos mostrar que JEAN-JACQUES ROUSSEAU (1712-78) considera o estudo da história no alvorecer da idade adulta da forma como era concebida em seu tempo como algo pernicioso para a formação do homem. Antes de prosseguirmos, é interessante notar que a concepção rousseauiana contrasta com a dos pensadores franceses do *Iluminismo*², além de diferir também daquela proposta por IMMANUEL KANT (1724-1804), outro grande filósofo da época. No filósofo de Königsberg, encontramos um conceito de história orientado pelo progresso. E a razão está a serviço de um progresso ético e político. Em sua *Idéia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita* (1784), o filósofo alemão afirma o seguinte:

De um ponto de vista metafísico, qualquer que seja o conceito que se faça da *liberdade da vontade, as suas manifestações (Erscheinungen)* – as ações humanas –, como todo outro acontecimento natural, são determinadas por leis naturais universais. A história, que se ocupa da narrativa dessas manifestações, por mais profundamente ocultas que possam estar as suas causas, permite todavia esperar que com a observação, em suas linhas *gerais*, do jogo da liberdade da vontade humana,

* History and knowledge on Book IV of *Emile*, or on Education by J.-J. Rousseau.

¹ Endereço para correspondências: Rua Alberto Lohnhoff, 642, Lauzane Paulista, São Paulo, SP, 02443-010 (rmagalhaes@unifesp.br).

² Para Salinas Fortes, o *Iluminismo* proclamava o Império da Razão. Ela deve ser soberana e autônoma. Isso significa que a razão atingiu um estágio diferenciado em relação ao passado. Surge assim a idéia de progresso do homem. “Os homens percebem através do estudo do seu passado, que a massa de conhecimentos adquiridos pode ser utilizada e posta a serviço do seu próprio bem-estar. Surge, por conseguinte, como um corolário necessário de todas estas descobertas, um novo mito, um novo ideal, uma nova idéia reguladora, ou seja, a idéia do *Progresso*” (FORTES, 1981; p. 20). Em seu *Ilustração e história: o pensamento sobre a história no Iluminismo francês*, Maria das Graças de Souza afirma que a crítica contundente de Rousseau ao progresso histórico do homem na Época das Luzes reside na sociedade de ostentação de sua época, a qual ele via como degenerada. “A crítica do progresso remete-nos à posição de Rousseau na polêmica sobre o luxo no século XVIII” (SOUZA, 2001; p. 79). A sociedade do luxo prioriza a aparência e está pautada na desigualdade. Ora, os homens dessa sociedade estão mais distantes da virtude. Uma história baseada no luxo não é, portanto, útil para a educação do Emílio.

mais próximo de um homem natural. Esse modelo de história privilegia somente certos momentos da vida dos personagens nos quais eles se encontram adornados e raramente retratados em suas atividades cotidianas.

[...] A história mostra muito mais as ações do que os homens, porque ela só os toma em certos momentos escolhidos, com seus trajes de gala; ela só mostra o homem público que se arrumou para ser visto; não o segue em sua casa, em seu escritório, na família, junto aos amigos; só o retrata quando ele representa; ela pinta muito mais a sua roupa do que a sua pessoa (Ibid., p. 332).

É por essa razão que Rousseau critica veementemente a história moderna porque ela mostra um homem encoberto por máscaras. Esse homem está sempre preocupado com a sua aparência perante os outros e, por conseqüência, com o conceito que o outro formula sobre ele. Ou seja, o homem não se dá a conhecer. “A história moderna, segundo Rousseau, preocupa-se em fazer belos quadros. Assim, é o historiador que brilha, e a verdade fica em segundo plano” (SOUZA, 2001; p. 60).

Esse argumento de Jean-Jacques leva o próprio autor a reivindicar a leitura do que se tornaria conhecido no século XX por história da vida privada. Esse modelo de história oferece ao leitor uma possibilidade de conhecer o homem despido, de maneira geral, de suas máscaras.

Eu preferiria a leitura das vidas particulares para dar início ao estudo do coração do humano, pois então, mesmo que o homem se esconda, o historiador o persegue por toda parte; não lhe dá tregua em nenhum momento, não lhe concede nenhum canto onde possa evitar o olho perscrutador do espectador, e quando um crê esconder-se melhor é que o outro melhor o dá a conhecer (ROUSSEAU, 2004; p. 332).

O percurso realizado até o momento permitiu-nos delinear o desenvolvimento de uma concepção crítica da história no pensamento rousseaniano contido no capítulo IV do *Emílio*. Não obstante, talvez seja possível até mesmo dizer que Rousseau desenvolve uma espécie de modelo de teoria da história voltada para a educação. Se, por um lado, para ele, o passado dos grandes nomes da história, por exemplo, não pode ser necessariamente ignorado, por outro, esse conhecimento não terá utilidade alguma, sobretudo pedagógica,

se a narrativa lida for a das guerras, a das máximas, a dos desejos de glória, a da empolgação envolvendo esses nomes, a qual só deve ser lida na maturidade. “Tácito é o livro dos velhos, os jovens não são feitos para entendê-lo [...]” (ROUSSEAU, 2004; p. 331). Não se pode negar assim a predileção de Jean-Jacques pela historiografia antiga para a educação do Emílio. Porém, é digno de nota que ele também estabelece algumas restrições aos historiadores antigos. Ele não recomenda Políbio, nem Salústio e nem Tácito. Por outro lado, ele elogia Plutarco. “Tem uma graça inimitável para retratar os grandes homens nas pequenas coisas [...]” (Ibid., p. 333). A esse respeito, Maria das Graças de Souza afirma o seguinte:

As *Vidas* de Plutarco contribuirão para que Emílio não se deixe enganar pelo jogo das paixões. Não é que Emílio, ao final das leituras, queria ele mesmo tornar-se um herói da Antiguidade, mesmo que fosse Sócrates ou Catão. [...]. A história será, para Emílio, um instrumento de conhecimento da alma humana e de si mesmo (SOUZA, 2001; P. 66).

Assim, considerando isoladamente este capítulo do *Emílio*, podemos concluir que o filósofo genebrino tece uma crítica à historiografia de sua época, por conseguinte, uma crítica da modernidade pautada em um suposto “progresso”. Além disso, no *Emílio*, a história deve ajudar o indivíduo a viver melhor em uma sociedade corrompida. O estudo da história deve ajudar a conhecer o homem e servir como termômetro para a própria vida, mas, sobretudo, deve permitir ao Emílio conhecer a depravação da sociedade sem que seja necessário experimentar no cotidiano essa corrupção.

[...] A história preconizada por Rousseau é, antes de tudo, uma história exemplar. Exemplar, no sentido de ser uma história da qual se podem extrair lições morais. Antes de o jovem ser capaz de ler a história nesta perspectiva, é absolutamente inútil e mesmo prejudicial ensinar-lhe história (SOUZA, 2001; p. 49).

Referências bibliográficas

FORTES, L.R.S. *O iluminismo e os reis filósofos*. São Paulo: Brasiliense, 1981 (Col. Tudo é história).

KANT, I. *Idéia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita*. Trad. R. Naves e R.R. Terra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

KANT, I. Resposta à pergunta: que é o Iluminismo? In: *A paz perpétua e outros opúsculos*. Trad. Artur Mourão. Lisboa: Edições 70, 2004 (Col. Textos Filosóficos).

ROUSSEAU, J.-J. *Emílio ou Da Educação*. Trad. R.L. Ferreira. 3ª Edição. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SOUZA, M. das G. de. *Ilustração e história: o pensamento sobre a história no Iluminismo francês*. São Paulo: Discurso editorial, 2001.